

O polêmico Bisol volta a sua rotina

■ Com “saúde da vida”, senador esquece ameaças

DORA KRAMER

BRASÍLIA — Do senador José Paulo Bisol (PSB-RS) só não se pode dizer que desperdice emoções amenas. Nele, tudo é intenso: gestos, palavras e ações. Comporta-se mais como juiz — profissão que exerceu por 30 anos — do que como parlamentar e orgulha-se disso. “Recebo críticas porque sou completamente diferente de todos esses políticos que estão aí. Eles não estão acostumados com a isenção e a imparcialidade”, ataca.

Nos 90 dias de funcionamento da CPI do Orçamento, que terminou por indicar a cassação de 18 parlamentares, Bisol foi, sem dúvida, a figura mais polêmica do Congresso. Conquistou amigos e juras de fidelidade eterna de uma equipe de 30 funcionários que o auxiliou na coordenação da Subcomissão de Patrimônio. Mas também provocou ódios profundos que o fazem ter medo de ser morto.

Com a gesticulação exagerada que lhe deu fama de histriônico, conta, sem dar nomes, que parlamentares tentaram intimidá-lo, mostrando que sob o paletó aberto intencionalmente traziam uma arma. Por isso mesmo não abriu mão da segurança (não conta quantos são, mas estão em torno de seis).

As ameaças começaram quando descobriu, usando ligações na polícia feitas quando era



juiz, os documentos da empreiteira Norberto Odebrecht que incriminavam parlamentares e governadores. Mas até os amigos reconhecem que esse foi seu pior momento na CPI. Dizem que o estardalhaço que criou em torno de nomes e percentuais acabou desgastando a denúncia principal — o esquema das empreiteiras junto ao orçamento.

O caso Odebrecht também levantou suspeitas a respeito da sua conduta em relação ao companheiro de partido, o deputado Miguel Arraes (PE), que, apesar de aparecer ali como beneficiá-

rio de uma mesada de 30 mil dólares, escapou das investigações. Bisol rebate: “O documento da Odebrecht ficou comigo dois dias, sem que ninguém tivesse visto. Se eu estivesse de má fé, teria jogado a parte referente a Arraes na lata do lixo”.

Bisol ainda se irrita quando dizem que queria fazer um relatório paralelo. “Nunca pensei nisso, vou, isto sim, fazer um livro sobre as invisibilidades e mistérios da CPI”, diz. Modéstia não é, certamente, característica deste senador de 65 anos que galgou a política através do pro-

grama TV Mulher, da Rede Globo, em Porto Alegre: “O meu livro não está escrito e já é um dos mais lidos do Brasil”.

A excessiva autoestima é motivo da antipatia de alguns com Bisol. Diz-se ele se vê como detentor do monopólio da ética e da moral. “Minha explicação para os ataques é psicanalítica: todos gostariam, na verdade, de estar fazendo o que faço”, resume Bisol. Colocado nas duas CPIs mais importantes dos últimos tempos, a do orçamento e a do PC, por indicação de um adversário político, o senador do PPR, Esperidião Amin (PPR-SC), acabou revelando-se um parlamentar que cresce em momentos de crise.

Para Amin, no fundo o responsável por essa notoriedade toda, não existe um pingão de arrependimento por isso. “Só não o indico para a CPI da CUT porque ele pode ter um novo ataque de juiz e, aí ninguém poderia dar garantias à sua vida”, diz. Amin, aliás, já disse a Lula que o PPR (à época PDS) tratou Bisol muito melhor do que o PT, que o tinha como vice em 1989 mas atendeu a Leonel Brizola, impedindo que subisse em palanques no Rio Grande do Sul. “Demos o palanque e nunca pedimos que descesse”, ironiza.

Bisol ainda não decidiu se voltará aos palanques. Finda a CPI, só pensa em retomar a rotina alterada. “Estou com saudade da vida, do pecado, da música, do trago e da poesia”, diz Bisol, confessando o desejo de “tomar um porre monumental”. Só não toma, “porque segunda-feira há muito o que fazer”.